

**ASPECTOS CONJUNTURAIS DA CULTURA DO FEIJÃO
NO PERÍODO DE 1988/89 A 1997/98**Lidia Pacheco Yokoyama¹

O feijão é um alimento básico para o brasileiro, chegando a representar um componente quase que obrigatório da dieta da população rural e urbana. O cultivo desta leguminosa é bastante difundido em todo o território nacional. É reconhecida como cultura de subsistência em pequenas propriedades, muito embora tenha havido, nos últimos anos, crescente interesse de produtores de outras classes, em cujo sistema de produção são adotadas tecnologias avançadas, incluindo a irrigação por aspersão. O sistema de comercialização é o mais variado possível, com predomínio de um pequeno grupo de atacadistas que concentra a distribuição da produção, gerando, muitas vezes, especulações quando ocorrem distorções na média de produção.

Este trabalho teve por objetivo realizar uma análise conjuntural da cultura do feijão no Brasil, nos últimos dez anos (1988/89 a 1997/98), a partir de dados secundários obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Considerando todos os gêneros e espécies de feijão englobados nas estatísticas da FAO (1997), o Brasil é o segundo maior produtor de feijão do mundo, perdendo apenas para a Índia. Na safra 1997, cerca de 66% da produção mundial de feijão foi obtida em apenas seis países, sendo esses a Índia (25,8%), o Brasil (15,8%), os Estados Unidos (7,0%), a China (6,9%), a Myanmar (5,5%) e o México (5,2%). O feijão é cultivado em cerca de 107 países em todo o mundo, envolvendo um grande número de gêneros e espécies, o que dificulta uma análise comparativa dos índices de produtividade por espécie.

Apesar de o volume de produção mundial de feijão ser inexpressivo, cerca de 8% a 10% são produzidos para exportação, e apenas dois países o fazem com mais frequência (Estados Unidos e Argentina). Isto explica, assim, o fato de o feijão ser um produto de mercado doméstico instável, caracterizado ainda por uma diversidade de tipos de grãos ofertados para atender às diferentes preferências dos consumidores.

Analisando-se somente o gênero *Phaseolus*, o Brasil é o maior produtor do mundo, seguido pelo México. Não obstante, a produção brasileira é insuficiente para abastecer o mercado interno. No ano de 1998, importou-se cerca de 190 mil toneladas, sendo a maior parte de feijão preto, proveniente da Argentina e do Chile. Eventualmente, o Brasil também importa feijão do México e dos Estados Unidos.

Dos quatro países que compõem o Mercosul, o Brasil é o maior produtor e consumidor de feijão. Na safra 1997/98, a produção destes países alcançou 2.549,8 mil toneladas. Deste total, 86,5% foi produzido pelo Brasil, 11,9% pela Argentina e o restante, apenas 1,6%, pelo Paraguai.

¹Pesquisadora, M.Sc., Embrapa Arroz e Feijão, Caixa Postal 179, 75375-000 Santo Antônio de Goiás, GO.

Dependendo da região, o plantio de feijão no Brasil é feito ao longo do ano, em três épocas. A primeira, também conhecida como safra das “águas”, ocorre entre agosto e dezembro e concentra-se mais nos Estados da Região Sul; a segunda safra, ou da “seca”, abrange todos os Estados brasileiros e ocorre entre janeiro e abril; a terceira safra, ou de “inverno”, concentra-se na região tropical e é realizada de maio até julho ou agosto, dependendo do Estado. Desta forma, durante todo o ano, em alguma região do País sempre haverá produção de feijão, o que contribui para a melhoria do abastecimento interno.

Nos últimos dez anos, a área plantada com a cultura do feijão no Brasil vem diminuindo gradativamente, de 5.175,3 mil hectares, em 1988/89, passou para 3.313,2 mil hectares, em 1997/98, o que representa uma diminuição de 36,0%. A análise dos dados de produção, referentes a este mesmo período, também indica redução (5,2%), pois, em 1988/89, foram produzidas 2.308,4 toneladas, enquanto, em 1997/98, 2.187,8 mil toneladas. Por outro lado, a análise da produtividade aponta um crescimento significativo (48%), de 446 kg/ha passou para 660 kg/ha.

Ao analisar a produção nacional, por safra, no período de 1988/89 a 1997/98, constata-se que os dados da primeira safra, ou das “águas”, apontam reduções na ordem de 29,4% quanto a área plantada (de 2.624,3 mil hectares passou para 1.853,0 mil hectares) e de 7,4% no que se refere à produção (de 1.069,9 mil passou para 990,2 mil toneladas). Quanto à produtividade, houve um aumento de 30,9% (Tabela 1). A colheita desta safra está concentrada entre os meses de dezembro e março.

Tabela 1. Área, produção e rendimento de feijão no Brasil, na primeira safra ou das “águas”, 1988/89-1997/98.

Safra	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (kg/ha)
1988/89	2.624,3	1.069,9	408
1989/90	2.491,3	1.106,2	444
1990/91	2.974,9	1.382,9	465
1991/92	2.928,4	1.552,6	530
1992/93	2.323,8	1.343,1	578
1993/94	2.922,3	1.676,8	574
1994/95	2.622,6	1.386,1	529
1995/96	2.706,7	1.328,1	491
1996/97	2.482,8	1.397,5	563
1997/98	1.853,0	990,2	534

Fonte: IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, vários anos).

A análise dos dados da segunda safra ou da “seca”, expostos na Tabela 2, se, por um lado, apresenta índices expressivos de diminuição, tanto no que se refere à área plantada (46,5%) quanto à produção (14,4%), por outro, mostra um elevado aumento na produtividade (59,9%). A colheita desta safra ocorre entre os meses de abril e agosto.

É oportuno ressaltar que a primeira e a segunda safras de 1997/98 foram totalmente atípicas, observando-se uma grande quebra na produção devido a ocorrência de seca na Região Nordeste e excesso de chuvas na Região Sul.

Tabela 2. Área, produção e rendimento de feijão no Brasil, na segunda safra ou da "seca", 1988/89-1997/98.

Safra	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (kg/ha)
1988/89	2.394,1	1.067,9	446
1989/90	1.981,4	927,8	468
1990/91	2.262,1	1.112,8	492
1991/92	2.040,6	1.018,9	499
1992/93	1.355,8	853,1	629
1993/94	2.319,4	1.394,2	601
1994/95	2.195,7	1.311,3	597
1995/96	2.104,5	1.305,2	620
1996/97	2.236,6	1.426,0	638
1997/98	1.281,1	913,9	713

Fonte: IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, vários anos).

Quanto à terceira safra ou de "inverno", os índices dos últimos dez anos (1988/89 a 1997/98) são bastantes diferenciados em relação aos da primeira e segunda safras, verificando-se aumentos de 14,2% da área plantada, 66,5% da produção e 45,8% da produtividade (Tabela 3). Em geral, a produção desta safra é colocada no mercado entre os meses de agosto e outubro. Cabe destacar que, diferentemente do que ocorre na estrutura produtiva tradicional, conduzida com baixo nível tecnológico e em pequenas propriedades, nesta safra predominam os cultivos irrigados por aspersão, geralmente conduzidos em grandes áreas e com o emprego de tecnologias sofisticadas, o que explica, assim, os altos índices de produtividade obtidos. A produção de feijão na terceira safra foi introduzida na última década, e vem ocupando gradualmente maior espaço entre os produtores mais profissionalizados dos Estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

Tabela 3. Área, produção e rendimento de feijão no Brasil, na terceira safra ou "de inverno", 1988/89-1997/98.

Safra	Área (1.000 ha)	Produção (1.000 t)	Produtividade (kg/ha)
1988/89	156,8	170,5	1087
1989/90	207,4	199,2	960
1990/91	205,9	253,8	1232
1991/92	181,4	227,7	1256
1992/93	205,6	281,1	1367
1993/94	227,4	297,4	1308
1994/95	177,8	248,9	1400
1995/96	145,7	203,3	1395
1996/97	161,1	249,4	1549
1997/98	179,0	283,8	1585

Fonte: IBGE (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, vários anos).

Apesar de os investimentos na safra de inverno serem relativamente elevados, acredita-se que há boas perspectivas de a produção desta safra tornar-se a solução

para o equilíbrio de mercado e redução das oscilações de preço. Tem-se observado, na maioria dos casos, que o feijão constitui apenas uma atraente opção de plantio para o produtor mais tecnificado, pois se o mercado não for favorável à comercialização do produto, pode-se trocar rapidamente de cultura. Com a abertura de mercado, porém, esta atitude deixa de ser benéfica para o empresário agrícola, já que ele deverá fazer um planejamento do sistema de produção da propriedade para, no mínimo, um ano agrícola. Para tanto, deverá estar atento aos problemas agronômicos e econômicos afetos às culturas componentes do sistema de produção a ser implantado no próximo ano agrícola.

O consumo *per capita* do feijão tem sofrido grandes oscilações nos últimos dez anos. Em 1989, o consumo *per capita* foi de 16,2 kg/hab/ano; em 1990, caiu para 14,5 kg/hab/ano; em 1995, aumentou para 18,9 kg/hab/ano; e em 1998, diminuiu para 13,8 kg/hab/ano (Tabela 4). Segundo estimativa da Conab, em 1999 o consumo *per capita* deve ficar em torno de 15,8 kg/hab/ano. Não há, contudo, perspectiva de que o consumo retorne aos patamares da década de 70, o qual chegou a alcançar 23-24 kg/hab/ano. Isto porque a substituição do feijão por outros alimentos, como o frango e o macarrão, é admitida como fato consolidado, devido, principalmente, ao preço destes produtos. Outro fator de mudança do hábito alimentar advém da nova situação vivenciada pela mulher brasileira que, exercendo uma função fora do lar, não mais dispõe de tempo para aguardar a cocção do feijão. Além disto, o êxodo rural para os grandes centros urbanos tem contribuído para a mudança do hábito alimentar.

Tabela 4. Oferta e demanda de feijão no Brasil, 1989-1999 (em 1.000 t).

Ano	Est. Inicial	Produção	Import.	Oferta Total	Export.	Demanda Total	Est. Final	Consumo <i>Per capita</i>
1989	265,3	2.367,2	25,0	2.657,5	0,0	2.580,7	76,8	16,2
1990	76,8	2.339,8	70,3	2.486,9	0,0	2.370,7	116,2	14,5
1991	116,2	2.806,2	88,6	3.011,0	0,0	2.638,2	372,8	15,9
1992	372,8	2.902,5	57,7	3.333,0	0,0	2.795,6	537,4	16,7
1993	537,4	2.379,1	54,9	2.971,4	0,0	2.771,8	199,6	16,9
1994	199,6	3.244,1	156,4	3.600,1	0,0	3.200,0	400,1	18,7
1995	400,1	3.157,8	189,5	3.747,4	0,0	3.300,0	447,4	18,9
1996	447,4	2.992,5	160,1	3.600,0	0,0	3.250,0	350,0	18,6
1997	350,0	2.913,8	157,0	3.420,8	4,0	3.200,0	216,8	17,8
1998	216,8	2.206,0	190,0	2.612,8	1,0	2.500,8	111,0	13,8
1999*	111,0	2.982,00	120,0	3.213,0	0,0	2.950,0	263,0	15,8

*Estimativa.

Fonte: Conab.

Considerando que o feijão é uma das fontes de proteína mais barata e o principal alimento em algumas regiões do País, e que as estatísticas mostram declínio do consumo *per capita*, conclui-se que, nos últimos dez anos, não houve melhoria no padrão de vida da população brasileira, no que se refere à alimentação.